

Colégios de elite distintos em gênero

Schools of elite different in genre

Norberto Dallabrida
norberto@udesc.br

Estela Maris Sartori Martini
estelamartini@yahoo.com.br

Resumo: A partir da Lei Orgânica do Ensino Secundário (1942), estabelecida pelo ministro da Educação Gustavo Capanema, os dois colégios de elite de Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina, passaram a fornecer o curso científico – segundo ciclo do ensino secundário. O Colégio Catarinense, administrado pelos padres jesuítas e voltado exclusivamente para adolescentes do sexo masculino, implantou o curso científico em 1943; o Colégio Coração de Jesus, dirigido pelas Irmãs da Divina Providência e especializado em educação feminina, criou esse nível de escolarização quatro anos depois. Este artigo discute o modo como a cultura escolar do curso científico foi apropriada em cada um destes estabelecimentos de ensino, nas décadas de 1940 e 1950, considerando que as suas clientelas eram oriundas das classes abastadas, mas distintas pelo critério de gênero. O cotejo das práticas educativas do curso científico colocadas em marcha por um colégio de padres e um internato de freiras é realizado a partir da análise das “disciplinas-saber” e dos processos de sociabilidade escolar. Essa reflexão histórica baseia-se em documentos escritos avulsos, relatórios anuais, jornais escolares, bem como em depoimentos de alunos(as) egressos(as).

Palavras-chave: Curso Científico, cultura escolar, elite, gênero.

Abstract: Since the Organic Law of High School (1942), that was established by the Minister of Education Gustavo Capanema, the two elite schools from Florianópolis, capital of Santa Catarina, have been providing the scientific course – second cycle of high school. Catarinense School, administered by the Jesuits, and dedicated exclusively to male adolescents implanted the scientific course in 1943; Coração de Jesus School, managed by the Nuns from Divina Providência, and specialized in female education, created this level of education four years later. The present study aims to understand how the school culture of the scientific course was appropriated in each one of these schools, during the 1940's and the 1950's, considering that their clients were from wealthy classes, but different in gender. The confrontation among educational practices of a scientific course performed by a priests' school and by a nuns' school will be done through the analysis of subjects and the processes of school sociability. This historic reflection is based on sundry written documents, annual reports, scholarly journals and also on testimonials from egressed students.

Key words: scientific course, school culture, elite group, genre.

Introdução

No período entre o fim do Estado Novo e a década de 1960, o ensino secundário em Santa Catarina foi marcado pela transição do ginásio de elite para o colégio de massa. Nas três primeiras décadas do século XX, o Ginásio Catarinense, dirigido por padres jesuítas, de caráter privado e frequentado somente por adolescentes do sexo masculino, foi o único estabelecimento que oferecia ensino secundário oficial e regular. No início da década de 1930, sob o impulso da Reforma Francisco Campos (1931), foram instituídos sete novos ginásios, localizados nas principais cidades catarinenses. A maioria desses educandários pertencia a congregações católicas (jesuítas, franciscanos, Irmãos Maristas e Irmãs da Divina Providência), quatro eram exclusivamente frequentados por adolescentes do sexo masculino, três praticavam a coeducação e somente um oferecia educação exclusivamente para mulheres – o Ginásio Feminino do Colégio Coração de Jesus. Por outro lado, na década de 1960, alavancado pelo Plano de Metas do Governo de Santa Catarina (PLAMEG), houve um crescimento significativo do ensino secundário, especialmente aquele de caráter público, quando foram criados novos estabelecimentos de ensino secundário catarinense, momento em que foram criados novos educandários confessionais – católicos e luteranos – e se estabeleceram os primeiros cursos secundários de caráter público. O ensino secundário passou a ser oferecido em mais cidades, bem como em alguns municípios da área rural catarinense, por meio dos seminários católicos. Naquele momento histórico, a estrutura e o funcionamento do ensino secundário brasileiro tinham sido fixados pela Lei Orgânica do Ensino Secundário

(1942), elaborada e aprovada pelo ministro da educação Gustavo Capanema. Essa legislação reestruturou os dois ciclos do ensino secundário que assim foi dividido: curso ginásial, com duração de quatro anos, e curso colegial – científico ou clássico –, com três anos. Os estabelecimentos de ensino que conseguiam implantar os dois ciclos do ensino secundário passaram a ganhar o *status* de “colégio”, que lhe conferia prestígio no sistema de ensino.

Em Santa Catarina, vários estabelecimentos de ensino secundário – tanto privados como públicos – também ganharam a condição de colégio, provocando maior diversidade e concorrência no campo do ensino secundário. Essa nova configuração pode ser observada sobremaneira em Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina, que passou a ter três colégios de ensino secundário, dois confessionais e um público. Em 1943 – logo após a publicação da Lei Orgânica do Ensino Secundário –, o Ginásio Catarinense implantou os dois novos ciclos do ensino secundário, passando a se chamar Colégio Catarinense – nome que conserva até hoje. O Colégio Coração de Jesus, dirigido pela Congregação das Irmãs da Divina Providência e tradicional no ensino pré-primário, primário e normal, instituiu um curso ginásial feminino em 1935 (Garcia, 2007) e, a partir de 1947, passou a oferecer o curso científico para adolescentes do sexo feminino (Martini, 2008). O Instituto Dias Velho, que oferecia o curso normal público e gratuito desde o início do regime republicano, estabeleceu o curso ginásial em 1947 e, em seguida, os cursos científico e clássico, formando o Colégio Estadual Dias Velho, frequentado por adolescentes de ambos os sexos.

O Colégio Catarinense e o Colégio Coração de Jesus, ambos católicos e de caráter privado, atraíam clientelas oriundas das classes abastadas, mas

distintas pelo critério de gênero. Eram instituições formais das elites, que proporcionavam ensino secundário de qualidade, articulado com processos de sociabilidade distintos, entre os quais o regime de internato, o trabalho regular e disciplinado, as associações estudantis prestigiosas, os rituais católico-burgueses e o uso de uniforme de gala. Esses estabelecimentos de ensino eram espaços educativos de conhecimento e reconhecimento das classes privilegiadas, as quais se identificavam como um grupo social distinto e refinado (Bourdieu, 1989; Faguer, 1991). No entanto, seguindo as determinações da Igreja Católica – particularmente a Encíclica *Divini Illius Magistri*, publicada em 31 de dezembro de 1929, que condenava a coeducação –, esses educandários católicos de elite diferenciavam-se pelo fato de oferecer educação segregada para mulheres e homens. Assim, o colégio dos padres jesuítas fornecia ensino secundário somente para adolescentes homens, enquanto que o educandário das freiras da Divina Providência era especializado em educação feminina.

Nessa direção, este artigo procura compreender como a cultura escolar do curso científico foi apropriada em cada um destes estabelecimentos de ensino, nas décadas de 1940 e 1950, considerando a perspectiva elitista e a segregação de gênero. Para Scott (1990, p. 5-22), a análise histórica sobre mulheres implica, necessariamente, relacioná-la aos homens, isto é, ela tem uma perspectiva relacional. Estudar as mulheres de maneira isolada perpetua o mito de que um sexo tenha muito pouco ou nada a ver com o outro. Entende-se que a diferenciação de gênero é uma construção histórico-social, ou seja, a criação social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Nesse processo social de longa duração, a educação escolar

67

contribuiu, efetivamente, para separar alunos e alunas e construir desigualdades de gênero (Louro, 1997).

O cotejo das práticas educativas do curso científico colocadas em marcha por um colégio de padres e um internato de freiras é realizado a partir da análise das “disciplinas-saber” e dos processos de sociabilidade escolar. À luz do conceito de cultura escolar de Julia (2001), considera-se que, a partir de seus projetos pedagógicos, as instituições escolares se apropriam de forma singular dos saberes e das condutas prescritas pelas políticas educativas e suas normas: os saberes e as estratégias de transmissão dos mesmos são ressignificados (Chartier, 1990) e reinventados pelas práticas educativas dos corpos diretivo e docente das instituições educativas, bem como pela intervenção dos estudantes.

Dessa forma, a cultura escolar do ensino secundário prescrita para o período entre meados da década de 1940 e início dos anos 1960 foi definida pela Lei Orgânica do Ensino Secundário, que foi homogeneizada para todo o território nacional a partir do projeto de normalização nacionalizada imposto pela ditadura estadonovista. A partir desse currículo posto, a reflexão sociohistórica deste artigo prima por compreender como o Colégio Catarinense, cujo corpo dirigente e docente era formado por homens – especialmente por padres jesuítas –, e o Colégio Coração de Jesus, um educandário de freiras, colocaram em prática a cultura escolar definida em nível nacional.

O Colégio Catarinense e a formação da elite masculina

Em 1943, o Colégio Catarinense passou a oferecer o curso ginásial e as duas modalidades do curso colegial – o científico e o clássico. Contudo, nas décadas de 1940 e 1950, o

desenvolvimento desses ramos do curso colegial foi assimétrico, pois enquanto o número de formandos no curso científico crescia, o curso clássico era escolhido por poucos alunos, sendo oferecido somente até 1947 (Colégio Catarinense, 1958, p. 75-88). Esta opção afirmava e desdobrava a tradição de estudos científicos no Colégio Catarinense que, desde a sua fundação, tinha laboratórios de Física, Química e Biologia com equipamentos importados da Alemanha. O Museu de História Natural, criado no início do século XX, tinha coleções de mamíferos, aves e ovos, anfíbios, moluscos, botânica e mineralogia, era enriquecido por doações de entidades e pessoas, mormente alunos egressos do colégio e suas famílias. Em 1948, esse museu escolar adquiriu “a coleção arqueológica de Carlos Behrenhauser, constando de 80 mil cacos de cerâmica guarani, além de uma série de vasos de cerâmica inteiros, crânios e ossadas dos sambaquis e milhares de artefatos indígenas de pedra, de conchas e de ossos” (Souza, 2005, p. 208-209). A aquisição desse material e o trabalho arqueológico desenvolvido pelo padre e cientista João Alfredo Rohr engendraria a criação do Museu do Homem do Sambaqui.

A tradição científica do Colégio Catarinense era sobremaneira sustentada pela formação acadêmica de seus professores na área de Ciências Naturais. Na primeira metade do século XX, as referências científicas do educandário eram os padres Steiner, professor de História Natural, e Godofredo Schrader que, além de professor de Física e Química e responsável pelos laboratórios dessas disciplinas, escreveu várias obras científicas e mantinha correspondência com investigadores europeus. O padre Schrader ingressou na Companhia de Jesus depois de fazer estudos de Farmácia e, como jesuíta, estudou Filosofia e Teologia

na Faculdade do Colégio Santo Inácio de Valkenburg, na Holanda, que dava muita importância às Ciências Exatas (Leite, 1994, p. 122; Aires, 2006). Quando ele faleceu, o cronista do colégio registrou: “O padre Schrader, didata extraordinário, ilustrava suas aulas científicas com inúmeras experiências, recorrendo para isso a aparelhos, em grande parte por ele construídos” (Colégio Catarinense, 1945, p. 7-8).

É importante considerar que o Colégio Catarinense fazia parte de uma rede de estabelecimentos de ensino secundário dos padres jesuítas espalhada em cidades do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Os jesuítas dessa região tinham imigrado da Alemanha no final do século XIX e iniciaram a sua missão na cidade de São Leopoldo, onde fundaram o Colégio Conceição. Em geral, a Companhia de Jesus, que se restabeleceu em Roma em 1814 e se espalhou pelo mundo ocidental nos séculos XIX e XX, pautou-se pela argumentação católica frente ao desenvolvimento científico. Talvez um dos exemplos mais marcantes desse processo seja a obra do padre Pierre Teilhard de Chardin, que elaborou uma resposta católica ao evolucionismo proposto por Charles Darwin (Lacouture, 1992, p. 405-444). Os padres jesuítas da missão alemã que atuavam nos colégios jesuítas no sul do Brasil dedicaram-se também à produção de livros didáticos na área científica, que eram utilizados nessas escolas e em outras regiões do Brasil (Dallabrida, 2001, p. 87-143). Por exemplo, o padre Max Krause, professor de Química, escreveu o livro *Reflexões sobre o ensino de Química nos ginásios*, editado pela Tipografia do Centro, de Porto Alegre (Krause, 1931).

O corpo diretivo e docente do Colégio Catarinense dava uma formação integral aos seus alunos, procurando equilibrar a área literária e a científica e proporcionar educação

física, por meio de aulas e de práticas de esportes, e formação católica, promovida pela disciplina Ensino Religioso, com devoções, missas, retiros espirituais. Nas décadas de 1940 e 1950, as disciplinas Matemática, Física e Química eram ministradas em todos os três anos do curso científico, Biologia era ensinada em duas séries e Desenho somente no último ano. Os saberes das Ciências Naturais eram ensinados por professores bem escolhidos e dinamizados por meio de atividades práticas em laboratórios e visitas de estudos ao museu escolar. A afirmação do curso científico no Colégio Catarinense relaciona-se em boa medida à trajetória escolar em nível superior pretendida pela sua clientela. Nesse momento histórico, o educandário dos jesuítas de Florianópolis era frequentado exclusivamente por adolescentes do sexo masculino, cuja maioria aspirava a ingressar nos cursos superiores de prestígio, como Medicina, Odontologia, Engenharia e Direito.

A apropriação masculina do currículo oficial realizada pelo Colégio Catarinense também pode ser constatada por meio de práticas de sociabilidade escolar. O associativismo tinha longa tradição no Colégio Catarinense, especialmente por meio das congregações marianas – associações de estudantes de cunho devocional e social. No entanto, em meados da década de 1940, foram criadas novas organizações estudantis como a Associação Desportiva Colegial (1944), o Grêmio Cultural “Padre Schrader” (1945), o Clube Pan-Americano “Colombo” (1946), o Grêmio Oratório “Vieira” (1947) e a Juventude Estudantil Católica (JEC) (1949) (Souza, 2005, p. 181). Essas organizações colegiais proporcionavam aos estudantes a aquisição de habilidades socialmente distintas como a capacidade de trabalho em grupo, de planejamento e de execução de projetos, o exercício da liderança

política e o treinamento para falar em público de forma consistente e elegante. À época, essas habilidades eram próprias do *habitus* dos homens de elite, que eram preparados sobremaneira para atuar na vida pública, tanto no aparelho estatal como em empresas privadas.

A Associação Desportiva Colegial foi criada em março de 1944, sob a batuta do padre José Nunes, e era vinculada à Federação Catarinense de Desportos (O Colegial, 1945, p. 3). O seu time de futebol, o Colegial, formado pelos chamados “meninos de ouro”, representava o Colégio Catarinense em campeonatos regionais. O nome do time de futebol e o título do jornal do Colégio Catarinense – O Colegial – divulgavam e reforçavam o seu *status* de “colégio” conseguido pelo estabelecimento dos padres jesuítas no ano anterior. Em 1952, o Colegial sagrou-se campeão de futebol amador e foi recebido de forma solene pela direção e pelos professores e alunos do Colégio Catarinense (Addo, 1952, p. 27).

O Grêmio Cultural “Padre Schrader” foi criado em 3 de agosto 1945 e era constituído por alunos do segundo ciclo do ensino secundário. O seu nome homenageava o padre Godofredo Schrader, professor de disciplinas na área de Ciências Naturais, que tinha muito prestígio no Colégio Catarinense – como referido acima – e falecera no início daquele ano. Essa agremiação realizava diversas atividades culturais, entre as quais sessões ordinárias e solenes, quando eram realizados estudos diversos, e excursões. O Clube Pan-Americano “Colombo” tinha objetivo intelectual e social similar ao Grêmio Cultural “Padre Schrader”, mas, nas suas sessões literárias e projeções de filmes, focalizava a questão do Pan-Americanismo e a cultura norte-americana. O Clube de Oratória “Vieira” tinha o intuito de formar oradores, como se pode

perceber nas palavras do cronista das congregações marianas:

Este ano [1947] a congregação [mariana] foi enriquecida por mais um clube, com a finalidade declamatória e oratória, para que os alunos alcançassem mais desembaraço em declamar as poesias e em proferir discursos. Tomou a nova entidade o nome de “Grêmio Oratório Vieira”. Nossas reuniões são quinzenais e por várias vezes tivemos a honrosa presença de deputados estaduais, de professores e muitos alunos (Colégio Catarinense, 1947, p. 99)

Às vezes, as associações estudantis realizavam sessões conjuntas. Em 14 de abril de 1947, o Clube Pan-Americano “Colombo” e o Clube de Oratória “Vieira” realizaram uma reunião de estudos para comemorar a festa do Dia Pan-Americano. Nessa ocasião vários alunos proferiram discursos e o deputado Antônio Carlos Konder Reis fez uma alocução conclamando a juventude católica na luta contra “as doutrinas negativas da dignidade humana. Segundo o jornal *O Colegial*, Konder Reis “objetivou esta luta lembrando a necessidade de se contrapor entre um grande movimento de jovens católicos ao perigo da Juventude Comunista recém-criada” (O Colegial, 1947, p. 1).

O associativismo esprou-se também para os alunos egressos do Colégio Catarinense. Em 22 de fevereiro de 1948, foi fundada a A.S.I.A. (*Antiqui Societatis Iesu Alumni*), ou seja, Associação dos Antigos Alunos da Companhia de Jesus no Colégio Catarinense. Nesse dia festivo, o diretor do educandário, padre João Alfredo Rohr, propôs os nomes da sua diretoria, que foi eleita por aclamação, tendo como presidente Rafael G. Cruz Lima, inspetor do ciclo colegial do Colégio Catarinense, e como assistente o padre Alvino Bertholdo Braun (1948, p. 1-2). A Associação dos Antigos Alunos passou a promo-

ver anualmente um encontro chamado “o churrasco da saudade”, com as seguintes atividades: missa, almoço, sessão de discursos, apresentações de canções populares, visitas às dependências do colégio, prática de esportes, especialmente partidas de futebol. Esses encontros dos alunos egressos eram próprios do mundo masculino burguês dos anos 40 e 50 do século XX, especialmente pela atividade oratória e pelos jogos de futebol (Dallabrida, 2008).

Entre o final do Estado Novo e o início da década de 1960, o Colégio Catarinense reforçou e aprimorou o seu projeto educativo, qual seja: a educação formal da elite masculina. Ele valorizou o conhecimento científico, dinamizado pelo uso de laboratórios e do museu escolar, sem descuidar do ensino do vernáculo, de línguas estrangeiras, das humanidades modernas. A educação masculina de elite também foi colocada em marcha por meio de processos de sociabilidade, em que se destaca a integração dos alunos em associações escolares como as congregações marianas e diversos clubes.

O Colégio Coração de Jesus e a educação de moças distintas

O Colégio Coração de Jesus, instalado num monumental prédio escolar no centro de Florianópolis, nas primeiras décadas do século XX, proporcionava ensino pré-primário, primário e normal especialmente dirigido para filhas de famílias abastadas. Desde meados da década de 1930 também passou a oferecer o curso ginásial e, a partir de 1947, o curso científico – segundo ciclo do ensino secundário –, tornou-se pioneiro, no Estado de Santa Catarina, nesse nível de ensino para mulheres. Dessa forma, procurava atender às pretensões sociais das adolescentes do sexo feminino de grupos sociais

privilegiados que desejavam ingressar nos cursos superiores. No período pós-Estado Novo, na sociedade brasileira emergiu um movimento em prol da inserção das mulheres no ensino superior, que se manifestou na cidade de Florianópolis.

A principal característica da clientela do Colégio Coração de Jesus residia no fato de ser constituída de alunas com uma situação financeira privilegiada, cujos pais poderiam arcar com as mensalidades caras – com exceção de algumas poucas alunas bolsistas. No período aqui analisado, o governo do estado disponibilizava cinco bolsas de estudos a essa instituição de ensino, sendo duas para o internato e três para o externato (Colégio Coração de Jesus, 1950, p. 37). Essas adolescentes possuíam uma riqueza variada e multidimensional, que não se resumia apenas no acúmulo de recursos econômicos, mas na criação e manutenção de uma rede durável de relações sociais, mais ou menos institucionalizadas de interreconhecimento, que instituíam o pertencimento a um grupo distinto e proporcionava lucros simbólicos (Bourdieu, 1998a, p. 67). Boa parte das alunas do curso científico, nas décadas de 1940 e 1950, possuía o pai ou algum parente ocupando cargos políticos de nível estadual ou federal ou, como diz a ex-aluna Rosa Pellense, “gente que o próprio nome apresentava a pessoa [...]” (Pellense, 2008, p. 8).

Para a abertura do curso científico no colégio das irmãs, foi necessário que elas preenchessem algumas exigências do Ministério da Educação e Cultura, como ampliar o espaço físico, estruturando laboratórios para as disciplinas do eixo científico, e recrutar professores com formação em nível superior – de acordo com a legislação vigente. Esse era um problema no Estado de Santa Catarina, que, naquele momento histórico, ainda tinha poucas faculdades. Até a

abertura do curso científico, o corpo docente do Colégio Coração de Jesus era quase todo formado pelas irmãs da Divina Providência, mas eram poucas aquelas que tinham formação em nível superior para atuar no ensino secundário. Por isso, para viabilizar o curso científico, foram contratados vários professores externos, que deveriam estar afinados com o clima católico do colégio (Martini, 2008, p. 25).

As Irmãs da Divina Providência orgulhavam-se de contratar professores preparados, geralmente autores de livros sobre as disciplinas que lecionavam, como foi o caso do padre Tarcísio Marchiori, docente de Filosofia. Sobre esse professor, em 1957, a cronista do colégio comenta: “O reverendo padre Tarcísio Marchiori, recém-contratado para ministrar aulas de Filosofia, em visita ao colégio, faz-nos ótima conferência pedagógico-religiosa, apresentou-nos seu livro e foi combinado que o mesmo será utilizado nas aulas [...]” (Colégio Coração de Jesus, 1957, p. 5).

De acordo com as determinações previstas na Lei Orgânica do Ensino Secundário, o curso científico do Colégio Coração de Jesus compreendia três anos de Português, Matemática, Educação Física, Desenho, Química e Física; dois anos de Francês, Inglês, História Geral, Geografia Geral e Biologia; e um ano de História do Brasil, Geografia do Brasil, Espanhol e Filosofia (Romanelli, 1996, p. 158). Todavia, em relação ao currículo oficial, o curso científico do educandário das Irmãs da Divina Providência tinha acréscimo de um saber específico: Ensino Religioso, ministrado durante todos os anos do curso. Além desse saber escolar, a formação católica das alunas era proporcionada com orações diárias, missas, confissões e retiros, estes últimos geralmente ministrados pelos padres jesuítas do Colégio Catarinense.

Assim, os saberes escolares ministrados no curso científico do Colégio Coração de Jesus eram recortados e organizados para atender às adolescentes do sexo feminino. O currículo oficial do curso científico, apesar de valorizar as humanidades, contemplava, de forma satisfatória, as disciplinas vinculadas às Ciências Naturais. No entanto, os laboratórios de Química, Física e Biologia, exigência da legislação vigente, nunca foram usados pelas alunas do Colégio Coração de Jesus. As disciplinas do eixo científico, assim como os demais saberes, eram ministradas em sala de aula, com exceção de Desenho e Educação Física, que tinham locais específicos. Este fato é relatado por Solange Donner, uma egressa da primeira turma do curso científico:

Laboratórios até tinha, ficavam atrás da sala de piano [...]. Aula de Química era assim: caderno de 70 folhas, a aula era ditada no dia, você tinha que estudar aquilo, decorar, que no outro dia aquele ponto era tomado [oralmente]. [...] os problemas de Física e Química eram decorados [...] você decora a mecânica do problema ou a fórmula do problema, os números depois elas trocavam pra fazer a prova, era assim! [...]. As aulas eram sempre em sala, dificilmente saíamos da sala, a não ser para fazer Educação Física ou fazer aulas de Desenho que tinha uma sala especial pra isso [...] (Donner, 2008, p. 8).

A disciplina Língua Portuguesa era um sinal distinto da cultura escolar do Colégio Coração de Jesus, que, certamente ganhou ainda mais importância durante a nacionalização colocada em marcha pelo Estado Novo. As Irmãs da Divina Providência eram de ascendência alemã e se esmeravam no ensino do vernáculo com o intuito de serem socialmente legitimadas. Assim, nos anos posteriores à ditadura varguista, a exigência e o rigor com a Língua Portuguesa

permaneceram presentes na cultura escolar do colégio. As alunas egressas do curso científico do Colégio Coração de Jesus afirmam que se destacavam nos vestibulares graças às excelentes aulas de Português que tiveram no ensino secundário.

A arte do exercício físico também fazia parte do currículo deste educandário, pois as Irmãs da Divina Providência cultivavam entre as alunas a prática de esportes e investiam em equipamentos e em espaços para as atividades físicas. Embora não houvesse associações estruturadas em torno dos esportes, as alunas do ensino secundário participavam de competições desportivas e mantinham certa rivalidade com as alunas do Colégio Estadual Dias Velho – estabelecimento de ensino secundário público, laico e coeducativo. Marlene Soccas, aluna do colégio das freiras, lembra: “Dávamos a alma para ganhar do Instituto [Colégio Estadual Dias Velho]; era sempre uma competição difícil, porque elas também queriam ganhar da gente” (Soccas, 2008, p. 17). No entanto, havia todo um cuidado na seleção dos esportes incentivados, de forma que as alunas praticavam especialmente vôlei, tênis, pingue-pongue, corrida leve e ginástica rítmica, esportes individuais, ou seja, atividades desportivas que não envolviam o contato corporal entre as atletas. Os exercícios físicos adotados no Colégio Coração de Jesus também eram comunicados nos relatórios anuais do colégio, como se pode observar no ano de 1956:

Os métodos de educação física aplicados neste estabelecimento de ensino foram: ginástica feminina moderna – sueca; método francês; calistênica; educação física desporte generalizadas; ginástica rítmica. Os métodos mais bem aceitos foram: ginástica feminina moderna e calistênica. De forma geral as alunas deram preferência aos movimentos arredondados

e suaves; pouquíssimas são as que preferem movimentos mais secos e bruscos. As alunas mais bem aceitaram os esportes coletivos, o vôlei que é o esporte mais praticado entre as alunas (Colégio Coração de Jesus, 1956, p. 18).

A descrição acima revela os gestos suaves com movimentos arredondados que deveriam ser praticados pelas alunas do Colégio Coração de Jesus, pois seriam responsáveis pela polidez de seus movimentos, construindo assim uma *hexis* corporal (Bourdieu, 1998b, p. 169) distinta – própria das elites femininas. Todo o aparato de ginástica era adequado às habilidades femininas, assim como alguns esportes, como tênis e patinação, praticados particularmente pelas elites, que eram incorporados pelas dirigentes dessa instituição, que se diferenciavam de outras pelo cuidado com o corpo.

Assim como ocorria com o colégio dos padres jesuítas, o corpo dirigente e docente do Colégio Coração de Jesus procurava dar uma formação integral a suas alunas. Não falar, não cantar, não rir alto, parecer sempre no tom certo e não destoar do conjunto eram comportamentos exigidos e premiados em diversas situações do cotidiano escolar. O cuidado com o corpo, o exercício de autocontrole e a contenção dos gestos marcavam, de maneira geral, as práticas cotidianas. Desse modo, em relação aos preceitos da religião católica, o corpo era algo que deveria ser resguardado, preservando a boa imagem daquelas adolescentes que estavam recebendo uma boa educação. As alunas eram avaliadas pelo seu comportamento, pelas suas atitudes, pelo seu interesse nas atividades propostas e deveriam estar sempre atentas às solicitações dos professores e ao cumprimento de seus deveres e obrigações. Enfim, no Colégio Coração de Jesus,

a cultura escolar estava pautada na moral, no controle emocional, na apresentação de si, na dedicação e na modéstia, conforme se verifica nos seus relatórios anuais. Esse traço da cultura escolar pode ser constatado no Relatório do Colégio Coração de Jesus, de 1955:

O ideal a ser concretizado pela labuta diária na educação e instrução de nossas alunas é e sempre foi este: SENSO de respeito e simplicidade: de fraternidade e sinceridade de responsabilidade. HÁBITOS de autodisciplina e autodomínio de pontualidade e delicadeza (Colégio Coração de Jesus, 1955, p. 3).

O associativismo no Colégio Coração de Jesus não tinha a mesma função daquele praticado no educandário dos padres jesuítas, porém era bastante significativo, porque também indica a apropriação feminina do currículo oficial. Durante as décadas de 1940 e 1950, no Colégio Coração de Jesus, existiram as seguintes associações estudantis: as “Filhas de Maria”, a “Liga da Bondade”, o Clube de Sociologia “Tristão de Ataíde”, a JEC (Juventude Escolar Católica) e os grêmios culturais “Joaquim Nabuco” e “Rui Barbosa” e a “Liga Pró-Língua Nacional”. Elas viabilizavam práticas de sociabilidades cujo fim era produzir entre as alunas os princípios morais católicos, desenvolver o espírito de caridade e fraternidade e proporcionar a aquisição de habilidades requintadas, como o domínio da língua portuguesa e da literatura – aptidões próprias de mulheres de elite.

A associação “Filhas de Maria”, composta por alunas mais piedosas dos dois ciclos do ensino secundário, organizava eventos católicos como missas, orações, retiros e a prática da caridade. A “Liga da Bondade” mobilizava-se principalmente em ocasiões festivas como Páscoa e Natal, quando distribuíam presentes

e donativos em comunidades carentes, hospitais, asilos e orfanatos. Conforme relata a cronista, em abril de 1948, “as zelosas alunas da Liga da Bondade colocam em prática seu espírito de caridade e aproveitam o feriado de páscoa para uma visita aos “morros”, levando aos necessitados, com o conforto de palavras amigas, donativos recolhidos nas suas atividades laboriosas” (Congregação das Irmãs da Divina Providência, 1948, p. 43). Esses trabalhos, além de serem enaltecidos nas publicações do próprio colégio, eram divulgados nos jornais de grande circulação local, como *O Estado* e *A Gazeta*.

Em vários momentos as associações estudantis do Colégio Coração de Jesus realizavam programações conjuntas. No dia 7 de julho de 1949, o Clube de Sociologia “Tristão de Ataíde”, as alunas da JEC e o Grêmio Cultural “Joaquim Nabuco” realizaram atividades culturais em que estiveram presentes o padre George Alfredo Lutterbeck, do Colégio Catarinense, o qual ministrou uma conferência sobre o comunismo, e o senhor Henrique Stodiek, que fez um relato da sua viagem à América do Norte (Colégio Coração de Jesus, 1949, p. 26-27). Segundo o mesmo relatório, na reunião de 8 de setembro, o Clube de Sociologia “Tristão de Ataíde” levantou, nos morros do Mocotó e da Caixa d’Água, um inquérito sociológico, e juntamente com as alunas da JEC e do Grêmio Cultural “Joaquim Nabuco” fizeram uma discussão sobre a situação atual daquelas comunidades e a tarefa que os diferentes grupos deveriam desempenhar para seu melhoramento (Colégio Coração de Jesus, 1949, p. 28).

A formação católica dada por meio de aula de Ensino Religioso e, especialmente, pelas devoções, práticas sacramentais e envolvimento em associações estudantis permeadas por valores do humanismo cristão foi incorporada por boa parte das alunas.

Isso pode ser constatado no depoimento de uma ex-aluna, formada na década de 1950, que afirma:

Já cinco anos se passaram do tempo em que eu saí do meu saudoso colégio. Formei-me em Direito e chegou agora meu tempo de doação [...] porque advocacia é também sacerdócio: é dizer em nome de Deus, o que é justo e o que é injusto. É fazer leis que sejam normas de condutas e oportunidade dos homens de se aproximarem de Deus. Foi aí, neste saudoso colégio das boas Irmãs da Divina Providência que fundamentei racionalmente minha fé, e recebi orientação segura e serena para, com a benção de Deus ser fiel no meu apostolado como advogada e acima de tudo, como mulher (Dano, 1957, p. 27).

As festas de formatura do curso científico eram um momento de grande solenidade, *glamour* e elegância no colégio, ganhando grande repercussão nas publicações do colégio e na imprensa local. Nas páginas dos jornais, as formandas eram revestidas pela própria imagem do colégio, pois “beleza, alegria, elegância, riqueza, graciosidade, inteligência e sucesso” eram referências dadas àquelas que conseguiram cumprir seu dever de “boa aluna”, atendendo às expectativas da família e da própria escola (Martini, 2008, p. 79). As festas de formatura no curso científico do Colégio Coração de Jesus se convertiam em verdadeiras vitrines para a sociedade local e regional.

As ex-alunas do Colégio Coração de Jesus costumavam se encontrar com certa frequência, especialmente em comemoração ao aniversário de formatura ou em reuniões anuais promovidas por turmas de egressas. Esses encontros geralmente se realizavam em finais de semana, nas dependências do próprio estabelecimento de ensino, em que a programação era formada por missa em ação de graça na capela do colégio, almoço com a participação

de professores/as e das Irmãs da Divina Providência, café da tarde e jantar (Claurinice, 1948, p. 33-35). As trajetórias sociais das ex-alunas eram divulgadas na *Pétalas*, revista do Colégio Coração de Jesus que circulou, regularmente, entre 1933 e 1961 (Cunha, 2003, p. 216). Esse periódico semestral era concebido como uma forma de dar visibilidade e relevância ao projeto educacional do Colégio Coração de Jesus, bem como perpetuar o sentimento de pertencimento das ex-alunas do seu antigo colégio, pois na primeira página de cada edição a irmã diretora iniciava seu artigo referindo-se às “caríssimas alunas e ex-alunas”. A *Pétalas* reservava um espaço para informações sobre a vida das alunas egressas, subdividido em seções de “noivados”, “núpcias”, “vida nova”, nascimento de filhos(as), festas de aniversários, que ajudavam a tecer uma rede durável de relações e renovavam os laços de amizade iniciados durante a vida escolar (Martini, 2008, p. 74). Essa revista era uma forma de conferir prestígio ao Colégio Coração de Jesus por meio das trajetórias de sucesso de suas alunas egressas.

Este tipo de sentimento, em que tudo é superlativo, procurava reafirmar a ideia de que o Colégio Coração de Jesus era o melhor colégio feminino de Santa Catarina. Em razão disso, suas alunas e ex-alunas teriam que se situar nas posições mais elevadas do meio social, escolar, esportivo, profissional e cultural. Os exemplos na revista *Pétalas* são emblemáticos e funcionam como estratégia para reafirmar um estilo de vida marcado pelo êxito. Neste sentido, citam-se as seguintes matérias: “O valor do Esporte: Ana Maria Beck, tenista campeã nacional, é aluna do Colégio Coração de Jesus” (Beck, 1960, p. 12); e “ex-aluna do Colégio Coração de Jesus conquista prêmio nacional de piano” (*Pétalas*, 1955, p. 9). Outra distinção das alunas desta instituição

de ensino era o seu cosmopolitismo, pois são abundantes os artigos da revista descrevendo as viagens das alunas com suas famílias para países europeus, Estados Unidos da América e Japão ou ainda as fotos e relatos das viagens das turmas do curso científico a São Paulo ou ao Rio de Janeiro, bem como a outras cidades.

A construção do prestígio do Colégio Coração de Jesus também era feita por meio da visibilidade das suas alunas egressas nos cursos superiores, sugerindo que a vida universitária seria o caminho natural a ser trilhado pelas alunas do curso científico. No colégio, as alunas que frequentavam este nível de ensino eram chamadas de pré-universitárias, constituindo assim um perfil de aluna que se autopercebia como virtual candidata ao ingresso no ensino superior. Anualmente os nomes das alunas aprovadas no vestibular com as respectivas notas eram publicados no jornal *A Gazeta*, reforçando, desta maneira, a excelência do Colégio Coração de Jesus. Este caráter procurava mostrar à sociedade a existência de uma proximidade entre o Colégio Coração de Jesus e o meio acadêmico, por meio da construção de uma ideia de continuidade entre estes dois espaços educacionais. Nesse caso, o diploma do curso científico, ao avaliar a entrada de suas alunas nos cursos superiores, garantia a sua distinção e ao mesmo tempo as transformava em continuadoras de uma tradição de sucesso comprovada por várias gerações.

Pela transmissão de saberes curriculares, da disciplina rigorosa, da educação católica e de diversos rituais escolares, o Colégio Coração de Jesus procurava, nas décadas de 1940 e 1950, formar mulheres de elite. A influência exercida pelo curso científico do Colégio Coração de Jesus mudou o cenário das salas de aulas do ensino superior na cidade de Florianópolis, passando a ser

ocupadas por um maior número de mulheres. O objetivo do colégio das freiras era formar mulheres católicas que ultrapassassem a condição feminina que a sociedade burguesa tradicional impunha e adentrassem na esfera pública – espaço historicamente reservado aos homens.

Considerações finais

Apesar da diversidade e da concorrência no campo do ensino secundário catarinense, no mínimo até a década de 1960 o Colégio Catarinense e o Colégio Coração de Jesus continuavam como os principais educandários das elites. O colégio dos jesuítas de Florianópolis fazia parte de uma rede de estabelecimentos de ensino secundário da Companhia de Jesus e, na década de 1950, ampliou o seu prédio e investiu ainda mais na construção da imagem de tradição de excelência, mormente por meio da visibilidade dos seus ex-alunos que tinham carreiras socioprofissionais exitosas e da sua Associação dos Antigos Alunos. Ao criar o curso científico para adolescentes do sexo feminino, o colégio das Irmãs da Divina Providência da capital catarinense comunicava o seu pioneirismo no mundo que emergiu após o Estado Novo. O regime de internato desses educandários católicos reforçava ainda mais o seu caráter elitista, pois, com exceção dos/as estudantes com bolsas de estudo, os internos e as internas eram provenientes de famílias abastadas do interior de Santa Catarina.

No entanto, seguindo a orientação oficial da Igreja Católica, esses dois colégios católicos de elite diferenciavam-se pelo critério de gênero. Desta forma, seus cursos científicos foram generificados a partir da resignificação das disciplinas oficiais e do acréscimo de saberes e de atividades escolares. O contraste da cultura escolar é fla-

grante em relação ao uso escolar das disciplinas científicas, pois enquanto o colégio dos jesuítas afirmava uma sólida tradição de estudos na área de Ciências Naturais, com a utilização de laboratórios e do museu escolar e a elaboração de livros didáticos, a escola das freiras realizava estudos científicos mais abstratos e aligeirados. O associativismo estudantil e a prática de esportes também se diferenciavam bastante nos dois estabelecimentos. No Colégio Catarinense os alunos eram estimulados a fazer parte de associações e clubes culturais, sociais e/ou esportivos, os quais demandavam estratégias de gestão e provocavam discussões políticas e disputas por comando. E ali a prática de esportes, especialmente o futebol, era instigada como atividade formadora do corpo e do caráter. No Colégio Coração de Jesus o associativismo estudantil, embora bastante presente e diversificado, tinha uma caráter nitidamente assistencialista e cultural.

A cultura escolar generificada estava vinculada às expectativas de alunos e alunas e de suas famílias em relação aos cursos superiores. Grosso modo, os alunos egressos do colégio dos padres aspiravam a cursos superiores de prestígio como Medicina, Odontologia, Engenharia e Direito, localizados especialmente no eixo Rio-São Paulo, enquanto as alunas egressas da escola das freiras procuravam ingressar na Faculdade de Direito de Florianópolis e nos cursos superiores da área do magistério. Entretanto, essa questão precisa ser desdobrada e aprofundada por meio da investigação das trajetórias universitárias das alunos/as egressos/as desses colégios.

Referências

ADDO, A.D. 1952. Colegial – campeão de futebol amador de 1952. In: COLÉGIO CATARINENSE, *Relatório do Colégio*

Catarinense. Florianópolis, Colégio Catarinense, p. 27-28.

AIRES, J.A. 2006. *História da Disciplina Escolar Química: o caso de uma instituição de ensino secundário de Santa Catarina 1909-1942*. Florianópolis, SC. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, 254 p.

BECK, A.M. 1960. O Valor do Esporte. *Pétalas*. Florianópolis, **39**:12.

BOURDIEU, P. 1989. *La noblesse d'état: grandes écoles et esprit de corps*. Paris, Les Éditions de Minuit, 559 p. (Le sens commun).

BOURDIEU, P. 1998a. O capital social – notas provisórias. In: M.A. NOGUEIRA; A. CATANI (orgs.), *Escritos de Educação*. Petrópolis, Vozes, p.65-69.

BOURDIEU, P. 1998b. Classificação, desclassificação, reclassificação. In: M.A. NOGUEIRA; A. CATANI (orgs.), *Escritos de educação*. Petrópolis, Vozes, p. 145-183.

BRAUN, P.A.B. 1948. Fundação da A.S.I.A. *O Colegial: órgão dos alunos do Colégio Catarinense*, 1:1-2.

CHARTIER, R. 1990. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro, DIFEL, 244 p.

CLAURINICE. 1948. *Pétalas*. A turma de 43 se reúne. Florianópolis, **27**:33-35.

COLÉGIO CATARINENSE. 1945. Relatório. Florianópolis, Colégio Catarinense, 112 p.

COLÉGIO CATARINENSE. 1947. Relatório – publicado no fim do ano letivo de 1947. Colégio Catarinense, 124 p.

COLÉGIO CATARINENSE. 1958. Relatório do Cinquentenário do Colégio Catarinense. Florianópolis, Colégio Catarinense, 107 p.

COLÉGIO CORAÇÃO DE JESUS. 1949. Relatório anual 1949- 1950. Florianópolis, 95 p.

COLÉGIO CORAÇÃO DE JESUS. 1950. Relatório anual, Florianópolis, n. 21, jul., 95 p.

COLÉGIO CORAÇÃO DE JESUS. 1955. *Relatório anual 1954-1955*. Florianópolis, n. 27, dez., 95 p.

COLÉGIO CORAÇÃO DE JESUS. 1956. *Relatório ginástico desportivo*. Florianópolis, mar., 81 p.

COLÉGIO CORAÇÃO DE JESUS. 1957. *Relatório anual 1956-1957*. Florianópolis, n. 28, dez., 95 p.

CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS DADIVINA PROVIDÊNCIA. 1948. *Crônicas*. Florianópolis, 120 p.

CUNHA, M.T.S. 2003. Rezas, ginásticas e Letras. In: N. DALLABRIDA, *Mosaico de escolas: modos de Educação em Santa Catarina na Primeira República*. Flori-

anópolis, Cidade Futura, p. 199-220.

DALLABRIDA, N. 2001. *A fabricação escolar das elites: o Ginásio Catarinense na Primeira República*. Florianópolis, Cidade Futura, 294 p.

DALLABRIDA, N. 2008. A força da tradição: ex-alunos do Colégio Catarinense em destaque e em rede. *História da Educação*, **12**(26):141-163.

DANO, N. E. 1957. Formei-me em Direito. *Pétalas*. Florianópolis, **35**:27.

DONNER, S.T.P.M. 2008. Entrevista concedida a Estela M.S. Martini. Florianópolis, 26 mar., 15 p.

FAGUER J.-P. 1991. Les effets d'une éducation totale: un collège jésuite 1960. *Actes de la recherche en sciences sociales*, **86/87**:25-43.

GARCIA, L.C. 2007. Sobre mulheres distintas e disciplinadas: práticas escolares e relações de gênero no Ginásio Feminino do Colégio Coração de Jesus (1935-1945). In: N. DALLABRIDA; C.J. CARMINATI, *O tempo dos ginásios: ensino secundário em Santa Catarina (final do século XIX-meados do século XX)*. Campinas/Florianópolis, Mercado de Letras/UNESP, p. 111-137.

JULIA, D. 2001. A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, **1**:9-43.

KRAUSE, M. 1931. *Reflexões sobre o ensino de química nos ginasios*. Porto Alegre, Typographia do Centro, 52 p.

LACOUTURE, J. 1992. *Os jesuítas: 2. O regresso*. Lisboa, Éditions du Seuil, 611 p.

LEITE, L. 1994. Pensando a Ciência de São Leopoldo a Florianópolis: P. Godofredo Schrader S.J. 1875-1945. *Scientia*, **5**(2):118-137.

LOURO, G.L. 1997. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, Vozes, 179 p.

MARTINI, E.M.S. 2008. *Curso Científico do Colégio Coração de Jesus: cultura escolar e socialização das elites femininas de Santa Catarina (1947-1961)*. Florianópolis, SC. Trabalho de Conclusão de Curso. Centro de Ciências Humanas e da Educação, 97 p.

O COLEGIAL. 1945. Órgão dos alunos do Colégio Catarinense. Associação Desportiva Colegial. Florianópolis, **1**:3.

O COLEGIAL. 1947. Órgão dos alunos do Colégio Catarinense. *O Dia Pan-Americano*. Florianópolis, **3**:1.

PELLENSE, R. 2008. Entrevista concedida a Estela M.S. Martini. Florianópolis, 19 mar., 18 p.

PÉTALAS. 1955. Ex-aluna do Colégio Coração de Jesus conquista prêmio nacional de piano. Florianópolis, **33**:9.

ROMANELLI, O. 1996. *História da Educação no Brasil (1930-1973)*. Petrópolis, Vozes, 267 p.

SCOTT, J. 1990. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e realidade*, **15**(2):5-22.

SOUZA, R.L. 2005. *Uma histórica inacabada: cem anos do Colégio Catarinense*. São Leopoldo, Editora Unisinos, 320 p.

SOCCAS, M. 2008. Entrevista concedida a Estela Maris Sartori Martini. Florianópolis, 15 mar., 22 p.

Submetido em: 17/07/2009

Aceito em: 10/08/2009

Norberto Dallabrida
Universidade do Estado de Santa Catarina
Av. da Madre Benvenuta, 2007
88035-001, Florianópolis, SC, Brasil

Estela Maris Sartori Martini
Universidade do Estado de Santa Catarina
Av. Madre Benvenuta, 2007
88035-001, Florianópolis, SC, Brasil